



Saber Tradicional e Científico sobre Algodão roxo (*Gossypium Herbaceum*) na comunidade Bacuriteua, Região Amazônica

Josilene Miranda Marques

Gabrielle de Nazaré Falcão da Silva

Iracely Rodrigues da Silva

Elias Mauricio da S. Rodrigues

Rosa Rodrigues

Gilvan Veloso Correa

Francielma Mesquita Magalhães

Gilmara R. Oliveira

RESUMO

A exploração terapêutica da natureza remonta aos primórdios da civilização humana. Ao longo da história, as plantas medicinais desempenharam um papel significativo na prática da fitoterapia e na busca por novos medicamentos (MOREIRA & OLIVEIRA, 2017). Contudo, para que as plantas sejam empregadas com propósitos terapêuticos, é imprescindível que satisfaçam critérios de eficácia, segurança e ações terapêuticas. Além disso, é fundamental fornecer informações sobre a composição química, uma vez que equívocos entre espécies distintas, mas conhecidas pelo mesmo nome popular, são comuns. Este estudo busca apresentar elementos sobre conhecimentos tradicionais no uso da planta *Gossypium Herbaceum*, conhecida como algodão-roxo, utilizada como tratamento natural na comunidade do Bacuriteua, no município de Bragança do Pará.

Palavras-chave: Exploração terapêutica, Bragança do Pará, *Gossypium Herbaceum*.

1 INTRODUÇÃO

A exploração terapêutica da natureza remonta aos primórdios da civilização humana. Ao longo da história, as plantas medicinais desempenharam um papel significativo na prática da fitoterapia e na busca por novos medicamentos (MOREIRA & OLIVEIRA, 2017). Contudo, para que as plantas sejam empregadas com propósitos terapêuticos, é imprescindível que satisfaçam critérios de eficácia, segurança e ações terapêuticas. Além disso, é fundamental fornecer informações sobre a composição química, uma vez que equívocos entre espécies distintas, mas conhecidas pelo mesmo nome popular, são comuns. Este estudo busca apresentar elementos sobre conhecimentos tradicionais no uso da planta *Gossypium Herbaceum*, conhecida como algodão-roxo, utilizada como tratamento natural na comunidade do Bacuriteua, no município de Bragança do Pará.



A planta medicinal conhecida como Algodão roxo (*Gossypium Herbaceum*) é reconhecida por sua eficácia no tratamento de diversas condições, incluindo câncer, epilepsia, depressão, eliminação de radicais, diabetes, infecção bacteriana e malária (LARAYETA et al., 2021). Originária da Índia, essa erva é cultivada na África, Ásia e naturalizada no Brasil, especialmente nas regiões Norte e Nordeste. Seu cultivo é mais comum em ambientes áridos e semiáridos, enquanto em áreas mais úmidas, a plantação é menos frequente devido à preferência dessa espécie por regiões secas (ESTEVES, 2015). Portanto, é fundamental compreender a eficácia dos princípios ativos da planta para sua aplicação terapêutica no tratamento natural de enfermidades.

2 OBJETIVO

Relacionar o uso popular de *Gossypium Herbaceum* “algodão roxo” com sua eficácia de acordo com a literatura especializada.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada numa abordagem qualitativa descritiva, com pesquisa de campo, utilizando-se como técnicas de coleta de dados entrevistas para verificação de uso da espécie na população pesquisada. Posteriormente foi realizado um levantamento científico sobre os princípios ativos da planta e sua toxicidade em bases de dados científicos.

4 DESENVOLVIMENTO

Na comunidade do Bacuriteua, os residentes fazem uso do "algodão" roxo (*Gossypium Herbaceum*) como um tratamento natural para gripes e resfriados. Reconhecida por suas propriedades anti-inflamatórias, essa planta também é empregada como remédio para tosse, asma e inflamação. Com base no conhecimento popular, na comunidade, as folhas são utilizadas para a preparação de lambedor, chá e suco. Uma prática comum no uso do "algodão roxo" na comunidade é a preparação do chá por meio de decocção, onde três folhas, secas ou verdes, são empregadas, e a quantidade recomendada para consumo é um copo antes de cada refeição ao longo do dia.

Tradicionalmente o uso de remédios caseiros para combater doenças como gripes, resfriados e problemas digestivos é comum nas comunidades devido ao arcabouço de conhecimentos relativos ao mundo vegetal no qual estas sociedades estão em contato. Assim, o uso terapêutico de plantas medicinais tem sido uma ação que vem se perpetuando de geração a geração nas comunidades tradicionais, e comprovado em vários tratados de fitoterapia (CORREA JUNIOR, 1991).



Na medicina popular, o sumo, banho ou chá da folha do algodão roxo (*Gossypium Herbaceum*) são utilizados como purgante, para o tratamento de baques, como anti-inflamatório, pneumonia e fortalecimento do pulmão, tosse, cólica, asseio para mulheres, gastrites e dor de garganta. (SILVA, 2015).

Esta espécie possui na composição a presença de carboidratos, taninos, amido, betaína, saponinas, alcaloides, flavonoides, esteroides, fenóis, glicosídeos e terpenoides (SHARMA et al., 2011).

Segundo ETGES (2007) o gossipol está entre os principais constituintes químicos do extrato do *G. herbaceum*, o qual está presente nas sementes, caule e raiz do algodoeiro, possui extratos de etanol e hexano com princípios ativos terapêuticos, atividade diurética, antibacteriana, anti-úlceras, potenciais antioxidantes, efeito de cicatrização de feridas, atividades antiepilépticas, antidiabéticas, anti-helmínticas e anti-ureolíticas que foram atribuídas a *G. herbaceum* na literatura. Além de ter, propriedades únicas como antifertilidade, abortiva, antitumoral, antiespermatogênica, contraceptiva, antidibética, antiviral, antibacteriana, constipação e usado em irritação gástrica, diarreia, disenteria, disúria, artrite reumatoide e otalgia (SHARMA et al., 2011).

Outro ponto são os efeitos tóxicos ocorridos que podem ser explicados, pelo menos em parte, pela presença do gossipol em *G. herbaceum* (ETGES, 2007). Outras toxidades apresentadas na planta é a infertilidade masculina, descoloração dos cabelos, desnutrição, diarreia, fraqueza muscular, problemas circulatórios e renais. Não é recomendado o uso durante a gestação, assim como deve se evitar o uso prolongado e procurar seguir corretamente a dose indicada por profissionais de saúde (OLIVEIRA, 2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da grande diversidade dos benefícios e fatores ativos que compõem o algodão roxo, *G. herbaceum*, usado em tratamento de enfermidades, devido às ações antiinflamatória, antiepilépticas, antidiabéticas, anti-helmínticas e anti-ureolíticas, vale ressaltar a grande importância da riqueza de informações referentes ao conhecimento do uso de algodão roxo para tratar as mais diversas doenças, principalmente as que acometem mais comumente os indivíduos como gripe, febre, inflamações na garganta, vermes, diarreia entre outros. Porém este estudo indica outras investigações para o uso seguro diante de possíveis toxicidades e reações adversas do uso.



REFERÊNCIAS

CORRÊA JUNIOR, C., LIN, C.M., SCHEFFER, M.C. SOB, Informa, p. 9, 23, 1991.

SILVA, S. M. et al. Estudo da extração de óleo do caroço de algodão por solvente alternativo. Blucher Chemical Engineering Proceedings, v. 1, n. 2, p.3583-3590, 2015.

SHARMA, Linn & Kumar, Pravesh & Sisodia, Siddhraj & Singh, Naruka & Porwal,. IN-VITRO ANTIOXIDANT ACTIVITY OF GOSSYPIUM HERBACEUM, 2011.

ETGES RN. Avaliação toxicológica pré-clínica do fitoterápico contendo *Gossypium herbaceum* (Tintura de Algodoeiro Cangeri) em ratos wistar [Dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2007.

OLIVEIRA, Helaine Barros de, Messias, Ilane Bastos. Plantas Mediciniais e Aromáticas: do Cultivo ao Fitoterápico. Porto Alegre: IFSULDEMINAS,2015.

ESTEVES, G. *Gossypium* in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil2015.jbrj.gov.br/FB84941>), 2015.

LARAYETAN, Rotimi Abisoye, et al. Composição química de *Gossypium herbaceum* linn e suas atividades antioxidante, antibacteriana, citotóxica e antimalárica: Medicina Complementar Clínica e Farmacologia Volume 1, Edição 1, dezembro de 2021. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2772371221000085>

MOREIRA, F. R.; OLIVEIRA, F. Q. Levantamento de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos utilizados na Comunidade Quilombola-Pontinha de Paraopeba, Minas Gerais, Brasil. *Revista Brasileira de Ciências da Vida*, 5(5). 2017.